

É uma doença silenciosa e, por isso, em 52% dos casos o diagnóstico é feito numa fase tardia. Na Madeira a taxa de mortalidade é de 17.7 por mil habitantes, constituindo a terceira causa de morte por tumor maligno. Em 2018, estavam diagnosticados 24 casos

ERICA FRANCO

efranco@dnoticias.pt

Nas últimas quatro décadas, a taxa de sobrevivência da maioria dos cancros aumentou, em muitos casos significativamente, mas não no cancro do pâncreas que continua a ter uma das mais baixas taxas. É a sétima causa mais comum de mortes por cancro no mundo, a quarta na União Europeia e a sexta em Portugal.

Na Madeira – de acordo com os dados mais recentes compilados pelas oncologistas Carolina Sales e Carolina Camacho (coordenadora do registo oncológico na RAM), referentes ao ano de 2018 – a taxa de mortalidade é de 17.7 por mil habitantes, constituindo a terceira causa de morte por tumor maligno.

A explicação reside no facto do cancro do pâncreas não apresentar sintomas específicos, o que dificulta o diagnóstico precoce. Em 52% dos casos o diagnóstico é feito numa fase tardia e avançada da doença. A idade média de diagnóstico é 70 anos (raramente surgem antes dos 50 anos).

“É um tipo de cancro que tende a dar sintomas numa fase tardia da doença, quando habitualmente já se encontra metastizada (disseminada para outras partes do corpo), e isto justifica-se essencialmente pela inespecificidade dos sintomas que surgem nas fases precoces da doença”, clarifica a doutora Carolina Sales.

Os sintomas que podem surgir numa fase precoce do cancro do

pâncreas – reforça – “são essencialmente inespecíficos, no sentido em que podem surgir em diversas patologias benignas ou malignas” [ver ‘Sintomas’ na página seguinte]. Por outro lado, alerta: “pode, inclusivamente, nem surgir sintoma algum”.

Reza a sabedoria popular que “mais vale prevenir do que remediar”, mas, conforme salienta a médica, “quando não surgem sintomas cedo, o diagnóstico precoce é impraticável, até porque é um tipo de cancro para o qual não existe programas de rastreio”.

Assim sendo, à falta de estratégias de prevenção para o cancro do pâncreas, o melhor caminho passa por adoptar hábitos saudáveis – como não fumar, não consumir álcool em excesso e ter uma dieta equilibrada – de modo a afastar os factores de risco da doença [ver ‘Principais factores de risco’].

Uma alimentação saudável “pode ser um factor preventivo importante na medida em que diminui o risco de obesidade e diabetes, dois conhecidos factores de risco do cancro do pâncreas”, frisa Carolina Sales. E deixa o conselho: “Deve ser evitado o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, alimentos ricos em açúcares, carnes vermelhas e processadas, na medida em que evitam o aparecimento de conhecidos factores de risco para o cancro do pâncreas. Podem ser consumidos, mas de forma equilibrada”.

A especialista observa ainda que, apesar de a população reconhecer a existência do cancro do pâncreas, e sobretudo “que é dos tipos de cancro mais temíveis e com taxas de sucesso terapêutico e sobrevidas mais baixas”, “a sensibilização para este tema, não é, contudo, comparável à de outros cancros como o cancro da mama, do colon ou do colo do útero quer pela prevalência superior destas neoplasias, quer pela existência de programas de rastreio bem montados nestes casos que os tornam mais conhecidos por entre a população”.

De referir, no que toca ao tratamento, que é possível extrair o tumor e os tecidos adjacentes presumidamente infiltrados. Todavia, a cirurgia (designada de pancreatectomia) é apenas possível numa percentagem reduzida dos casos, quando o tumor ainda se encontra nas primeiras fases. Contudo, como na maior parte das vezes o diagnóstico é feito numa fase tardia, a maioria dos doentes não pode ser operada.

“A cirurgia é viável sobretudo para os doentes com doença localizada ao pâncreas e cuja lesão seja passível de ser ressecada. São

RARAMENTE SURGEM ANTES DOS 50 ANOS. A IDADE MÉDIA DE DIAGNÓSTICO É 70 ANOS

habitualmente os casos em que se desenvolvem sintomas muito cedo e se consegue um diagnóstico precoce. É habitualmente necessária a realização de tratamentos de quimioterapia ou quimiorradioterapia de forma complementar à cirurgia”, esclarece a oncologista.

O cancro do pâncreas, diz, “pode também ser localmente avançado ou com ressecabilidade borderline (quando existe invasão de estruturas adjacentes ou disseminação ganglionar na região do pâncreas). Nestas circunstâncias pode ainda ser possível a cirurgia, mas será necessária a realização prévia de outros tratamentos como quimioterapia, radioterapia ou uma combinação de ambos”.

Já quando o cancro do pâncreas é “irressecável ou diagnosticado sob a forma de doença metastizada (disseminada), os tratamentos que preconizados são de quimioterapia”.

Carolina Sales nota que nos últimos anos verificam-se alguns progressos no que ao cancro do pâncreas diz respeito.

“No panorama geral da oncologia moderna verificam-se progressos transversais que incluem melhores métodos de diagnóstico e estadiamento. A RAM acompanha a evolução documentada. Salientamos o exemplo de tratamento de neoplasia do pâncreas metastático com a presença de mutação BRCA1/2 em que de momento existe a possibilidade de tratamento com terapêutica alvo (inibidor da PARP) que melhora significativamente o prognóstico global destes doentes”, sustenta.

Em Portugal por ano são diagnosticados 1.619 novos casos de cancro do pâncreas, constituindo o décimo tumor maligno mais frequente, em linha com a Europa (onde são diagnosticados 132.559 novos casos por ano). Na Madeira, em 2018, estavam diagnosticados 24 casos da doença, menos 19 do que no ano anterior.

O QUE É O PÂNCREAS E QUAL A SUA FUNÇÃO?

O pâncreas é um órgão que pertence ao sistema digestivo e que grosseiramente se situa por detrás do estômago. É uma glândula e que tem como principal função a produção de hormonas (como a insulina) e enzimas que auxiliam a digestão e metabolização dos alimentos.

O QUE É O CANCRO PANCREÁTICO?

O cancro do pâncreas surge quando as células do pâncreas se multiplicam de forma descontrolada e formam um tumor. 85-90% dos cancros do pâncreas são adenocarcinomas, globalmente conhecidos por um mau prognóstico associado.

Taxa de mortalidade na RAM

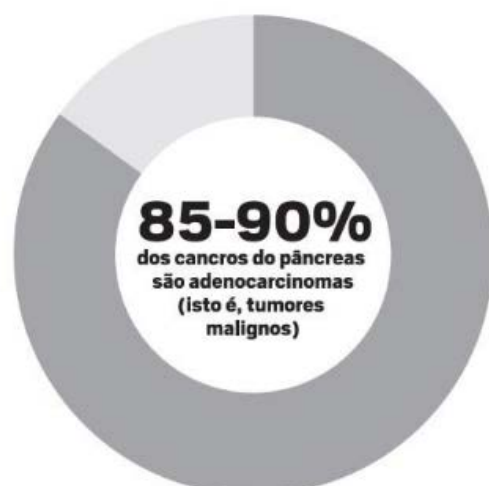
(em 2018)

17.7 (100 mil habitantes)

Dia Mundial do Cancro do Pâncreas

A 19 de Novembro assinala-se o Dia Mundial do Cancro do Pâncreas. 'Está na hora' é o mote da campanha deste ano, que visa consciencializar para esta doença. Porque "está na hora de mudar as taxas de mortalidade, garantindo que mais pessoas sobrevivem", alerta a Europacoln (Associação de Apoio ao Doente com Cancro Digestivo).

OS NÚMEROS DO CANCRO DO PÂNCREAS NA REGIÃO E NO MUNDO



Quantas pessoas afecta por ano?



MUNDO
458.918
novos casos
(13º tumor maligno mais frequente)
2,5% dos casos

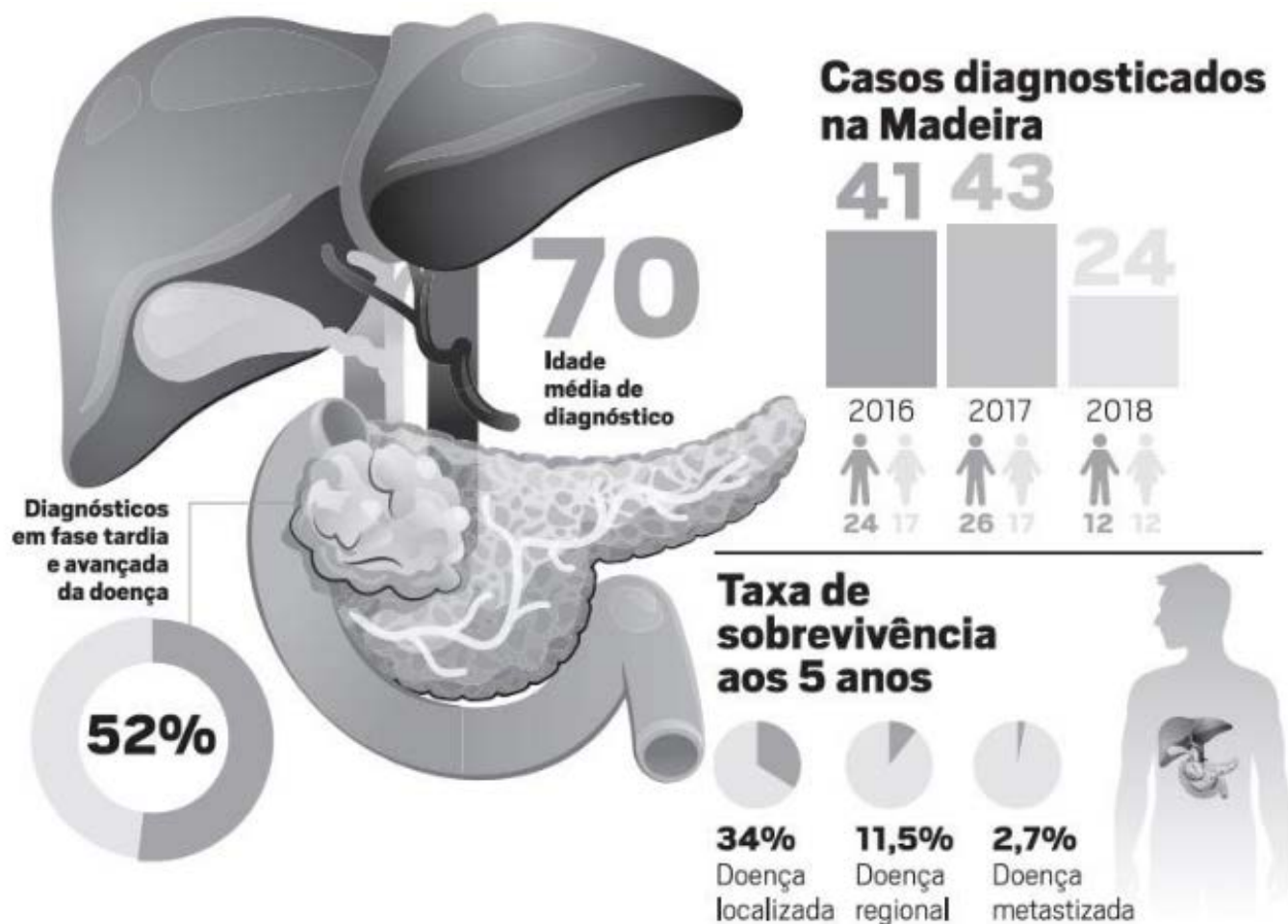


EUROPA
132.559
novos casos
(10º tumor maligno mais frequente)
3,1% casos



PORTUGAL
1.619
novos casos
(10º tumor maligno mais frequente)
2,8% casos

* Dados Globocan 2018



Causa de morte por tumor maligno em 2018



CONSUMO EXCESSIVO DE ÁLCOOL, AÇÚCARES E CARNES VERMELHAS DEVE SER EVITADO

PRINCIPAIS FACTORES DE RISCO

O tabagismo, o consumo de bebidas alcoólicas, a obesidade, a diabetes e o consumo excessivo de carnes vermelhas e processadas são os principais factores de risco associados ao cancro do pâncreas. Podem ser consumidos, mas de forma equilibrada. Acresce ainda que existem alguns síndromes hereditários que predis põem o aparecimento de cancro do pâncreas.



Os dados epidemiológicos foram feitos pelas oncologistas Carolina Sales e Carolina Camacho (coordenadora do registo oncológico na RAM).

SINTOMAS

Deverá estar atento se tiver os seguintes sintomas:

- Dor abdominal (sobretudo nos quadrantes altos do abdómen, habitualmente em barra e irradia posteriormente para as costas);

- Alterações gastrointestinais, nomeadamente: diarreia (pode ter um aspecto “gorduroso” que chamamos esteatorreia), náuseas, vômitos;

- Perda de peso, cansaço, falta de apetite;

- A diabetes é um conhecido factor de risco para o cancro do pâncreas, mas o próprio cancro pode provocar diabetes. Assim sendo, um diagnóstico recente de diabetes pode ser um dos primeiros sinais da doença;

■ O surgimento de uma coloração amarelada da pele e escleróticas (a nossa branca dos olhos) a que chamamos icterícia, urina mais escura tipo cor de vinho (colúria) e fezes mais esbranquiçadas/amareladas (acolia). Embora não sejam também sintomas exclusivos do cancro do pâncreas, são mais específicos e habitualmente apresentam-se numa fase mais avançada da doença.